

# 1 Introdução

Desde a infância, o contato com o aprendizado de línguas estrangeiras se faz presente em minha vida. A forma como isso se dá e o que representa para o cotidiano dos falantes e para as sociedades às quais pertencem sempre despertaram meu interesse. Atualmente, como professora de língua alemã (LA) para falantes nativos de língua portuguesa (LP), procuro investigar os múltiplos fatores que envolvem o aprendizado de alemão como segunda língua (L2).

Ao longo do tempo, a aquisição de mais de um código lingüístico vem sendo foco de estudos de diversos pesquisadores. Sendo assim, o bilingüismo tornou-se uma área freqüentemente debatida por diferentes comunidades acadêmicas. As visões sobre o assunto são bem diversificadas, mas para a elaboração deste trabalho consideraremos, principalmente, a perspectiva de Savedra & Heye (1995) e Heye (2003).

Segundo esses autores, o bilingüismo é um fenômeno relativo, tratando-se de uma condição particular, denominada bilingüidade, identificada pelo contexto e pela forma de aquisição das duas línguas, bem como pela sua manutenção e abandono. A partir desta condição particular, os indivíduos bilíngües apropriam-se de dois códigos lingüísticos distintos, utilizando-os em determinadas comunidades de fala, em diferentes ambientes comunicativos, tais como familiar, social, escolar e profissional. Nesse sentido, tomando por parâmetro tais definições, elegemos neste estudo determinado uso lingüístico, que se manifesta em dado estágio de bilingüidade.

## 1.1. Definição do tema

Esta pesquisa investiga o uso de preposições em LA por falantes de LP como primeira língua (L1) em processo de aquisição formal de LA como L2 – a partir de então, AFLA como L2. Para tal, verificamos como esse conteúdo é abordado, tanto em gramáticas de LP como de LA e em livros didáticos voltados para o ensino de alemão como L2, conforme a seguinte faixa etária: alunos de 6ª

série do ensino fundamental. Dessa forma, escolhemos analisar o uso das preposições locais em LA na produção escrita.

## 1.2. Justificativa

A experiência como aluna de escola bilíngüe (aquisição de L2<sup>1</sup>) e como professora de alemão (ensino de L2 e língua estrangeira) serviu de motivação para a realização deste estudo, na medida em que possibilitou a percepção da complexidade do uso das preposições em LA para falantes de LP como L1 a partir de um contexto de AFLA como L2.

Acreditamos que ao analisarmos a maneira como esse tema é abordado em materiais didáticos e de consulta disponíveis para os alunos que participam do processo de AFLA como L2, torna-se possível propor estratégias que facilitem o uso de preposições nesse processo.

Assim, não pretendemos discutir a forma pela qual a condição de bilíngüe foi adquirida, mas sim, compreender melhor como é sugerida a transmissão de determinados conteúdos lingüísticos em materiais didáticos adotados por falantes bilíngües; no caso, o uso das preposições no processo referido.

Pensando como Savedra & Heye (1995), a condição de bilingüismo estabelecida pelo contexto de aquisição das línguas não se mantém igual ao longo da vida dos indivíduos, o que nos leva a crer que ela representa apenas o uso funcional de uma língua em determinado estágio, não sendo, portanto, a representação real do uso de ambas as línguas durante toda a sua trajetória.

Sendo assim, consideraremos primeiramente as definições de bilingüismo e bilingüidade, à medida que julgamos como relevante identificar o estágio de bilingüidade dos usuários no domínio funcional de uso de LA. Acreditamos que o uso das preposições pode ser alterado conforme o estágio de bilingüidade em que se encontra o falante de L2. Desta forma, selecionamos o ambiente de ensino para investigarmos o *status* lingüístico de nossos informantes no que se refere a este conteúdo gramatical.

---

<sup>1</sup> Estamos adotando aqui a distinção entre L2 e língua estrangeira (LE) proposta por Savedra (1994), em que a autora considera a maturidade lingüística em L1 como ponto fundamental para essa distinção. Aprofundaremos tal definição no capítulo 2.

### 1.3. Definição da situação-problema

Na tentativa de problematizar o tema, realizamos um levantamento bibliográfico inicial nas gramáticas de LA e de LP. Para estudos relativos à LA, foram selecionadas as seguintes gramáticas: Götze & Hess-Lüttich (1992), Helbig & Buscha (1991), Weinrich (1993), Eisenberg et al.<sup>2</sup> (1998). No que é pertinente à LP: Bechara (1999), Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (2002) e Vilela & Koch (2001). Numa primeira leitura, a intenção foi verificar como o tema preposições é abordado e conferir se há alguma diferença marcante na forma de se tratar esse mesmo assunto em ambas as línguas.

Não pretendemos, no momento, considerar as dificuldades mais específicas com as quais se depara o falante bilíngüe na alternância dos códigos lingüísticos aqui tratados em relação ao uso de preposições. Entretanto, acreditamos que este não se faz de maneira idêntica nas duas línguas, isto é, não há uma correspondência direta entre as preposições em LP e LA. Esta diferença não se dá apenas no âmbito gramatical, mas também no da significação.

Assim, das características básicas do emprego de algumas preposições decorrem algumas regras práticas de uso. Com relação ao uso gramatical, por exemplo, em LA, as preposições, de maneira geral, regem casos<sup>3</sup>, isto é, dependendo da preposição empregada, o falante deverá lançar mão dos seguintes casos:

*Akkusativ,*

- (1) *Das ist für **dich**.* (Akk.)  
(Isso é para **você**.)

*Dativ,*

- (2) *Ich gehe mit **meinem Freund**.* (Dat.)  
(Eu vou com **o meu amigo**.)

<sup>2</sup> Doravante, autores da gramática *Duden*.

<sup>3</sup> Em LA existem quatro casos: o caso nominativo (*Nominativ*), o caso acusativo (*Akkusativ*), o caso dativo (*Dativ*) e o caso genitivo (*Genitiv*). De maneira geral podemos dizer que o nominativo expressa o sujeito e o predicativo do sujeito; o acusativo exprime, tipicamente, a função de objeto direto, enquanto o dativo, geralmente, marca o objeto indireto de um verbo; o genitivo é um caso gramatical que indica uma relação de posse ou origem.

*Genitiv,*

- (3) *Ich habe das während meiner Arbeit gelernt.* (Gen.)  
(Eu estudei isso ao longo do meu trabalho.)

Já em LP só há manifestação de caso quando o complemento é um pronome pessoal (por exemplo: sem mim).

No que diz respeito à significação, algumas preposições podem ser traduzidas de diferentes formas. A preposição *zu* é um desses casos, pois podemos entendê-la tanto como **para** como quanto **em**:

- (4) *Ich gehe zu Markus.*  
(Eu vou para o Markus.)

- (5) *Ich bin zu Hause.*  
(Eu estou em casa.)

Em casos como este, o aluno tem dúvidas ao selecionar qual preposição usar, pois sofre influência de sua língua materna (LM). Esta não-correspondência entre L1 e L2, observada quanto ao emprego das preposições e fundamentada nas possibilidades gramaticais de ambas as línguas, mostra a dificuldade com a qual se depara o usuário desses dois códigos lingüísticos, para se referir a certas situações peculiares ao seu cotidiano.

Considerando esta não-correspondência, questionamos como os materiais disponíveis para o ensino de LA como L2 tratam do uso das preposições. Dada a delimitação deste estudo, essa problemática mais ampla nos conduz às seguintes questões específicas:

- a) Como o material didático utilizado por jovens e adolescentes em processo de AFLA como L2 aborda esse tema?
- b) Como tal material trata o uso das preposições locais?

Para responder a esses questionamentos, julgamos necessário compreender as idéias que perpassam a noção de bilingüismo.